



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA

LEONARDO SPADER

BRASÍLIA, JULHO DE 2012.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA

LEONARDO SPADER

BRASÍLIA, JULHO DE 2012.

VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA

Trabalho final de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - TEF

Prof. Dr. Remi Castioni

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – PAD

Profa. Dra. Silvia Ester Orrú

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

BRASÍLIA, SETEMBRO DE 2012.

LEONARDO SPADER

VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA

Trabalho final de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Remi Castioni

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – PAD

Profa. Dra. Silvia Ester Orrú

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

BRASÍLIA, SETEMBRO DE 2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os amigos que fiz durante o curso, pois me fizeram passar por momentos de alegrias que certamente não teria sem que os conhecesse.

Também aos professores Tadeu Queiroz Maia, Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro e à professora Sônia Marise Salles Carvalho que me apoiaram e incentivaram na produção deste trabalho.

SPADER, Leonardo VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
BRASÍLIA. Brasília/DF, Universidade de Brasília – Faculdade de Educação. Trabalho de
Conclusão de Curso, 2012.

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta trazer vivências pedagógicas baseada no atletismo, jogos pre-desportivos e brincadeiras, em uma escola pública de Brasília onde, por meio da pesquisa participativa, o desenvolvimento dos conteúdos escolares conjugados com valores que dão base a formação do cidadão para alunos do primeiro ano do ensino fundamental.

Palavras-chaves: Vivências pedagógicas, Educação para o Futuro.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
 <i>PRIMEIRA PARTE</i>	
<u>MEMORIAL</u>	9
Lembranças e Lugares da Infância	10
Saudades e Recordações	12
A Pedagogia.....	13
 <i>SEGUNDA PARTE</i>	
<u>TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM UMA UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA</u>	15
 INTRODUÇÃO	15
 CAPÍTULO 1: NOTAS PRELIMINARES SOBRE SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL	17
1.1 A educação como forma de dominação.....	17
1.2 A educação como forma de emancipação.....	19
 CAPÍTULO 2: CONHECENDO A EDUCAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA	24
 TERCEIRA PARTE	
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
BIBLIOGRAFIA	41

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho final de curso, exigência curricular do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, reflete sobre a educação no Brasil desde a colonização e sua relação com experiências pedagógicas realizadas em uma escola pública de Brasília.

Um dos aspectos relevantes para a pesquisa foram as contribuições dos participantes, bem como o apoio dos professores e gestores da escola a qual desenvolvi as atividades.

Para tanto se apoiará em leituras específicas, tendo como principal ponto de leitura e debate a formação dos alunos sob o ponto de vista do texto “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, de Edgar Morin, a educação cidadã, defendida por Paulo Freire e os quatro pilares da educação.

O trabalho é dividido em três partes: a primeira onde o tema é “*Memorial*” traz as recordações da minha vida estudantil.

A segunda parte é o trabalho teórico e de pesquisa realizado, e discorre sobre o modelo de educação brasileira desde o período colonial até os dias atuais e trata também das vivências com crianças do primeiro ano do ensino fundamental onde será analisada a aplicação de atividades e criticada segundo as teorias apresentadas.

Por fim a terceira parte traz as perspectivas profissionais a partir da conclusão do curso de graduação em Pedagogia e as considerações finais.

PRIMEIRA PARTE
MEMORIAL

Lembranças e Lugares da Infância

Meu nome é Leonardo Spader, tenho 24 anos de idade e nasci na em Brasília aos 22 dias de agosto de 1988. Meu pai se chama Aldair Spader e minha mãe Eunice Aparecida Spader. Meu pai nasceu em Erval do Oeste, Santa Catarina. Foi criado junto aos irmãos nessa cidade do interior do estado onde o predomínio é de lavouras de pequenos agricultores. Minha mãe em Belo Horizonte, Minas Gerais. A cidade em que ela nasceu já é uma capital, badalada pelo movimento e pelo progresso. Eles se conheceram em Brasília quando cursavam nível superior na mesma instituição de ensino. A relação foi ficando cada vez mais séria e acabaram por se casar e ter quatro filhos.

Tive uma infância maravilhosa, ao lado dos meus pais, meus irmãos (Eduardo, Ricardo e Paulo) e minha avó, Maria Ferreira da Silva.

Minha infância foi quase toda desenvolvida durante as brincadeiras com os amigos na quadra onde morava, na cidade satélite de Ceilândia Norte. Jogar futebol e brincar de pique-esconde era algo muito divertido e que marcou a minha infância. Como somos quatro irmãos, Eduardo, Ricardo, Leonardo e Paulo, a televisão nunca foi primeira opção como lazer.

Entre na escola aos 3 anos e meio de idade. Bem perto de casa, minha mãe me levava e me trazia todos os dias. O colégio se chamava “Asa Delta” e existe até hoje. Neste colégio aprendi a ler, escrever e fiz grandes amizades que até hoje me acompanham ou mantemos contato.

No ano de 1994 terminei o Jardim III e fui estudar na primeira série do Ensino Fundamental no Stella Maris de Taguatinga.

O Colégio Stella Maris tem uma fundamental importância na minha vida até hoje. Apesar de ser um colégio de bases católicas e educação rígida, gostei de ter estudado lá. Foi nessa época também que conheci outras Regiões Administrativas de Brasília e aprendi a andar de ônibus. Fiz grandes amizades não só com alunos e colegas, mas também com professores. Até hoje me lembro com carinho da “tia” Domingas.

Eu era um aluno que sempre estava envolvido nos eventos que celebravam principalmente o valor que a família tem.

O crescimento com meus irmãos foi cheio de experiências felizes, como deve ser toda infância. Todas as noites, quando todos os colegas da “rua” chegavam dos colégios, saíamos de casa para brincas de pique-esconde, futebol, bicicleta e diversas outras brincadeiras

saudáveis. Alguns desses amigos da rua mudaram, mas um ou outro que ainda reside próximo, tornaram-se grandes parceiros, seja de conversa na porta de casa, sair para o barzinho para ver jogo de futebol e falar besteira ou simplesmente para calças as esquecidas chuteiras e jogar bola recordando o passado que deixou muitas saudades.

Saudades e Recordações

Os anos foram passando, as responsabilidades aumentando e a cobrança para a escolha de uma escola boa para a preparação para o vestibular foi decisiva na hora de me matricular no ensino fundamental e médio. Meus pais escolheram a Escola Fundamental Alvacir Vite Rossi, pois é uma escola que prepara fortemente para a entrada no colégio militar, o que nunca foi opção para mim. No ensino médio estudei novamente em escolas de bases católicas, o colégio La Salle. Lá que tive minha primeira “namoradinha”.

Quando chegou a hora de optar por alguma para o vestibular logo escolhi as Ciências Biológicas como curso, pois era a matéria que mais gostava na escola e o método e o jeito do professor era o mais irreverente e inovador da escola.

Na faculdade de Biologia conheci mais alguns bons colegas, estes que numa tentativa de se divertir, formou a banda de rock “Gato Preto”, que existe até hoje e é cada vez mais conhecida nos cenários alternativos de Brasília. Foi nesse curso também que realizei minha primeira viagem de congresso, que foi em São Paulo, local que fiquei próximo da pessoa que viria em breve a ser mãe do Leo, meu filho.

Ao chegar à metade do curso de Biologia, por pressão dos meus irmãos e pais que sempre reclamaram da prestação do UniCeub, que era muito cara, resolvi prestar vestibular para a Universidade de Brasília para ver se aliviava esta pressão. Não sabia o que marcar como opção, já que não tinha estudado ou feito qualquer tipo de preparo para a prova. Marquei pela Pedagogia, curso o qual logrei êxito em passar e que não me arrependo um só instante.

É um curso interessante na essência pois difere dos demais ao dar o tratamento igualitário entre os membros da faculdade, seja aluno, serventes, administrativos ou professores. As discussões também são louváveis, pois foge do paradigma do professor detentor do conhecimento. Ali na Faculdade de Educação o conhecimento é construído e inacabado.

A Pedagogia

Assim que entrei na UnB fiz várias amizades importantes para mim até hoje, como a do Jales Renan, que me ajudou na realização de vários trabalhos em algumas disciplinas. Hoje cursa Serviço Social.

Percebi também o quão é aberto o espaço de discussão e de trocas pessoais dentro da Pedagogia em relação à Biologia, que sempre tinham professores mecanizados em relação aos conteúdos e não falavam muito das experiências que tiveram durante a vida acadêmica, o que importava mesmo era a transmissão do conteúdo.

Foi na Pedagogia também que começaram os circuitos de viagens acadêmicas pelo Brasil. Pela universidade tive a oportunidade de conhecer Tocantins, onde participei do FONEPE (Fórum Nacional dos Estudantes de Pedagogia), Rio de Janeiro, local sede do encontro da ANEL (Associação Nacional dos Estudantes Livres) e em breve estarei de partida para meu segundo ENEPE (Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia), que será em Belo Horizonte.

As matérias da pedagogia eram diferentes. Os alunos sentavam-se em círculo de forma que todos se visualizassem e ficassem em pé de igualdade com o professor. As discussões que eram propostas em sala de aula também tinha um toque diferenciado, pois sempre havia espaço para uma ligação com outros assuntos relacionados e tempo para a troca de experiências.

Dois professores em especial me fazem ter boas recordações de como era leve o clima acadêmico do curso de Pedagogia. São os professores Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro e Tadeu Queiroz Maia que infelizmente deixaram de lecionar na Universidade por serem professores cedidos da Secretaria de Educação. O clima era leve pois quem construía as aulas de Filosofia não eram os professores, mas os alunos, que eram guiados por textos ou temas referenciados pelo dois. Acabava que as aulas que não circulava lista de presença nem eram cobrados trabalhos, tornava-se a disciplina com menos número de evasão e salas sempre cheias de alunos preparados para ouvir o que cada um tinha para trazer.

Foi com o Álvaro e com o Tadeu que iniciei minha trajetória dentro dos Projetos 3 e 4, Projeto Saúde Integral, e que queria terminar este com os dois me orientando, fato já não mais possível, pelo menos por enquanto. Com eles que também comecei a despertar para a importância que a Filosofia tem na vida acadêmica de qualquer aluno e de qualquer curso,

pois com esta disciplina o aluno abre horizontes e aprende a relacionar qualquer fato com sua área de atuação. Assim que decidi pelo tema deste trabalho, o qual juntei o útil ao agradável, uni o que mais gosto de fazer, que é atividade física à prática do pedagogo no âmbito escolar e como estas podem se relacionar para que os alunos, em especial as que estão em fase de alfabetização possam melhor desenvolver suas capacidades físicas e cognitivas.

O projeto iniciado com os professores aconteceu no Recanto das Emas, e, apesar de acontecer dentro de salas de aula improvisadas, não se tratava de transmitir ou ensinar apenas conteúdos formais, mas se tratava de humanizar o ensino por meio de diálogos sobre assuntos que tangem a realidade do aluno e que não tem espaço no currículo escolar formal.

Foi minha primeira experiência dentro de sala de aula como pedagogo em formação. Não sabia o que fazer nem como tratar com os alunos, mas aos poucos com ajuda e incentivo dos colegas e também das crianças participantes do projeto consegui avançar, perder o medo e inclusive ter as experiências pedagógicas que serão tratadas nessa monografia.

Saio da Pedagogia realizado como aluno e com esperanças de um futuro profissional promissor, já que tenho a mais plena certeza de que nessa universidade a formação do aluno para a vida, se não é completa está perto disso.

SEGUNDA PARTE

VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA

INTRODUÇÃO

As possibilidades de a educação acontecer dentro do ambiente escolar, mas fora de sala de aula são temas que envolvem diversas áreas do conhecimento, em particular na educação. Conceber a escola como espaço de interação entre os mais diversos saberes e experiências que acontecem fora da escola faz surgir a necessidade de refletir sobre o quão importante é a maneira com a qual os alunos interagem com os atores da escola e também com o conhecimento que lhe são propostos.

A maneira mais “comum” que existe hoje em dia é de que a educação formal, em especial na escola pública, se dá dentro de um espaço limitado que é a sala de aula, e os métodos pelos quais são transmitidos os conteúdos para os alunos se mostram enormemente inadequados ou ineficazes ao refletir sobre o interesse pelo que aprendem e os procedimentos e ferramentas usados pelos professores para transmitir os saberes. Pode-se entender educação formal como um sistema institucionalizado de ensino hierarquicamente graduado e cronologicamente organizado que abrange desde o nível fundamental ao terceiro grau.

O presente trabalho de conclusão do curso de Pedagogia nasceu em meados da minha trajetória acadêmica no projeto Filosofia na Escola este praticado por alunos e professores da Universidade de Brasília. O projeto é desenvolvido por alunos, ex-alunos da Universidade de Brasília e por voluntários, e tem como finalidade a inclusão da filosofia, não de maneira tradicional, como falar de autores ou de teorias mais complexas, mas da filosofia vivida no dia a dia, que instiga o aluno a olhar o cotidiano de maneira crítica. O projeto também tem como finalidade o desenvolvimento do lazer e do reforço escolar ao público atendido.

O objetivo principal deste trabalho é trazer vivências pedagógicas que mostram que há outros meios pelo qual pode ser transmitido o conhecimento, meios que, como mostrado nos resultados, revelam felicidade e entusiasmo dos alunos ao falar sobre o conteúdo sem parecer algo massivo e desgastante. Objetivos secundários também serão buscados, que serão o apontamento das características de educação tradicional ou não da escola escolhida à luz das teorias apresentadas.

As vivências se deram em encontros com alunos de primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública de Brasília onde estes encontros se deram durante as quintas-feiras do mês de setembro de 2011, e que teve como proposta a tentativa de aprendizagem dos conteúdos equivalentes em sala de aula às atividades de artesanato e brincadeiras e atividades infantis.

De fato a construção do conhecimento escolar não se dá de maneira individual e não somente na escola, mas sim na interação entre os sujeitos, suportes e situações que desafiem o aluno a construir, desconstruir e reconstruir seus saberes. Por mais que a construção do conhecimento seja subjetiva, a imposição de limites aos alunos sempre existiram, seja qual for o ambiente.

É cômodo diversos autores defenderem um modelo de educação holística que podemos entender como, segundo Rodrigues (2011), a educação que focaliza a totalidade, a superação da soma das partes entendendo as partes como unidade, mas o desafio realmente acontece quando, na tentativa de fazer com que estes ideais aconteçam, barreiras administrativas e inclusive estéticas, como cobranças de datas e conteúdos a serem ministrados nestas, resultados em rankings são cobradas de maneira tão ferrenha e sistemática a ponto de atar as mãos dos professores a ponto de limitá-lo apenas à sala de aula como primeiro e último espaço para desenvolver conteúdos. Não digo que é possível desenvolver atividades que demandem maior interação e diversidade de atitudes e conhecimentos dos alunos, mas que para que isso aconteça, o conjunto de normas e regras que orientam o processo de transmissão de conhecimento (Gasparin, 2005 apud Pereira) deve estar intrínseco às atividades do professor.

O objetivo do trabalho não é retirar a importância da aprendizagem tradicional tampouco à convivência dos alunos nos espaços limitados de sala de aula, pois estes também se mostram, segundo o que foi observado na pesquisa desenvolvida, que estes meios educacionais são de suma importância na construção de conhecimentos básicos, principalmente em alunos de idade como os dos que cursam o primeiro ano do ensino fundamental, estes que possuem tão baixa capacidade de concentração e tão alta sede de aprendizagem.

CAPITULO 1: NOTAS PRELIMINARES SOBRE SOBRE A EDUCACAO NO BRASIL

Este capítulo traz o conteúdo teórico do trabalho de conclusão de curso, e começa trazendo o contexto histórico da educação no Brasil, este que, abaixo mostrado, vai desde a época em que os jesuítas começaram a educar os índios por meio da catequese até o modelo educacional moderno do final do século XX, e que mostra claramente que desde o início da escolarização no país, esta vem servindo como arma de uma ideologia hegemônica que favorece apenas os dominadores.

Após a explanação histórica vem a apresentação de três teorias educacionais (de Edgar Morin, Paulo Freire e UNESCO), que mostra que não mais é cabível no atual momento a educação que forma o aluno apenas para seguir padrões do capitalismo e que não esteja preparado para conceber a realidade a partir de um olhar crítico ao menos de seu cotidiano.

1.1 A EDUCACAO COMO FORMA DE DOMINACAO

A educação no Brasil se deu, desde seu início (1500 – 1749), direcionada a atender os interesses da metrópole portuguesa, estes que se tornaram aristocratas na colônia. Assim aconteceu desde a época jesuítica, quando os padres chegaram por volta de 1549 em missão de catequizar os índios por meio de discursos, teatro e poesias desde o “bê-á-bá” da linguagem até os longos discursos que impunham a moral religiosa europeia e os interesses da coroa portuguesa como dogmas.

Sem nenhum tipo de tolerância aos costumes e crenças indígenas, a educação brasileira começou de maneira falida, na qual não se valorizou nem o potencial criativo da população catequizada tão pouco a subjetividade destes, mostrando-se como um método de ensino técnico, sem espaços para a crítica ou para sugestões sobre outros modelos de ensino.

No contexto deste período é possível observar dois modelos escolares vigentes, que é a escola tradicional, onde o professor assume o papel de detentor do conhecimento e o aluno apenas aceita como verdade e a escola técnica, a qual o que é importante é aprender a fazer (STIGAR, 2003).

Também é possível aferir que o papel da educação, guiada pela ideologia das classes dominantes foi de perpetuar a hegemonia e interesses destes em detrimento dos outros. Assim

a educação sofre, desde o início, o processo de exclusão e elitização por meio da educação (NOLASCO, 2008).

De 1759 a 1857 foram instituídas as aulas régias, instituídas pela reforma pombalina com a tentativa de implantar uma escola pública inspirada nos ideais iluministas (SAVIANI, 2008). Todo o trabalho feito ao longo de dois séculos pelos jesuítas foi acabado em pouco tempo pelo movimento liderado por Marquês de Pombal, que pregava o ódio ao ensino jesuítico.

O sistema de ensino identificado neste período é bem precário. Os professores ministravam suas aulas régias no espaço doméstico e todo o material que usavam, eram eles mesmos que custeavam. A relação existente entre professores e alunos era estritamente formal e distante. Não havia interdisciplinaridade entre as matérias que ensinavam e os alunos poderiam escolher a ordem que quisessem para cursá-las.

Porém para muitos autores esta época representou um retrocesso tanto no ensino brasileiro quanto português, pois todo o esforço aplicado não garantiu mudanças no sistema educacional como foi proposto.

O terceiro período data de 1857 até 1890, que representou a primeira tentativa de programar a escola pública sob a responsabilidade do poder público, este representado pelo governo imperial e o governo das províncias. Este período é marcado pela ampla reforma educacional que ocorreu no país, já em Estado de República, proclamada em 1822 por D. Pedro II, visto que o número de escolas era insuficiente tanto em números quanto em qualidade, em se falando de escolas de variados níveis, e que a reforma nesse setor era imprescindível para o desenvolvimento em níveis sociais do país.

A educação no século XX destaca-se pelo surgimento de um movimento chamado de “escola nova”, período em que se destacaram alguns nomes importantes para a educação, como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Cecília Meireles. Este movimento, pensado desde 1920 e iniciado em 1932 deixou clara a ideia de que o desenvolvimento do país está diretamente relacionado ao investimento que este dá para a educação, esta que deveria atender todas as camadas da população acabando com o elitismo escolar. Mas a educação no Brasil ainda se figurava elitizada, principalmente quando se fala de nível superior, onde a procura

A partir deste período, em especial a partir da Constituição de 1946, iniciaram-se no Brasil vários movimentos de luta pela educação. Teve principal destaque “O Movimento em Defesa da Escola Pública” e nomes como o de Anísio Teixeira se fez presente nesse grupo.

A industrialização ganhava ritmo acelerado entre os anos de 1950 e 1980 e isso fez com que as profissões ganhassem um significado mais mercantil, de troca, onde os valores sociais perdiam espaço gradativamente. Os anos seguintes a 1980 foram representativos no que diz respeito aos movimentos sociais pela educação, inclusive por conta do próprio regime militar instaurado, que perseguia impiedosamente professores, estudantes, profissionais da educação e todos aqueles que se contrapunham ideologicamente ao Estado.

Nesta época, por mais que os movimentos em prol da valorização e da reestruturação da educação nacional insistissem, os padrões de ensino que sempre predominaram foi o ensino técnico, em face do forte movimento de industrialização no país e o ensino tradicional, que continuava a pregar a ideologia hegemônica das elites e que pouco se importavam com a formação crítica dos alunos.

A partir da década de 1990 o pensamento que vigora no Brasil é o do social-liberalismo, que tem por objetivo reformar o Estado de forma que se insira na cadeia produtiva do capitalismo de maneira mais eficiente. Portanto a maneira com que as políticas educacionais direcionaram o ensino torna-se clara a intenção do Estado em enfatizar os resultados tendo como parâmetros os padrões de organismo internacionais. Assim pode-se definir a educação até os dias atuais, sendo ela responsável por boa parte da formação do cidadão que, inserido numa sociedade cada vez mais consumista, nem sempre tem ou se pretende desenvolver os saberes necessários para a educação do futuro.

1.2 A EDUCACAO COMO FORMA DE EMANCIPACAO

A educação recente no Brasil, propondo uma educação que preparasse para a competição ou enquadramento no mercado capitalista mundial, começo este subcapítulo com uma questão: A luta pela educação no país é pela significativa busca do valor ou do preço da educação?

Desde o começo a educação no Brasil se demonstrou um benefício para poucos, e quando, a partir do século XX, o movimento pela educação começa a acelerar e a expandir para toda a população, é quando começa também um fenômeno social que Hobsbawm considera um dos mais característicos da educação atual, que é a destruição da memória, esta

que cada vez mais é desvinculada dos jovens que vivem num presente, num momento histórico, cada vez mais contínuo.

Tal desvinculação não parece preocupar educadores, tão pouco as escolas, já que o estilo de educação que se propõe atualmente é deixar o aluno “ligado” no que acontece atualmente no mundo preparando-o cada vez mais cedo e mais rápido para a competição por trabalho. Esse determinismo durkheiminiano, que pode ser traduzido no padrão de ensino das instituições educacionais existentes para moldar os cidadãos de acordo com as estruturas e necessidades da própria sociedade em detrimento dos interesses do Estado capitalista, refletindo a tendência da educação brasileira atual, é determinada pela sociedade também capitalista, o que também revela que a busca pela formação do cidadão está sendo deixada de lado em detrimento de uma educação cada vez mais técnica, mecânica e tradicional voltada a atender os interesses mercadológicos do Estado.

Em contrapartida a este fenômeno, Paulo Freire com a proposta de “educação cidadã”, o pesquisador Edgar Morin propõe saberes necessários e fundamentais para a formação de não somente alunos cidadãos, mas também professores com uma prática educacional que atenda as necessidades para a educação do futuro. Saberes que, aliados à teoria de Saviani (2008), que abrem o diálogo para o resgate da história para a compreensão ampla do contexto atual no desenvolvimento de uma ética e moral que dão sentido de pertencimento da e na história.

Com início na década de 80, o movimento criado por Paulo Freire teve como frente de luta a busca pelo desenvolvimento da educação tendo as escola como espaço de emancipação dos alunos para o desenvolvimento da consciência de seus direitos conquistados e para a conquista de novos; as diretrizes escolares devem ser criadas de maneira ampla, isto é, criada a partir da troca de ideias entre organizações e participantes da escola. Defende ainda que o financiamento da educação deve ser estatal, a gestão democrática, pública quanto à destinação e tem como principais objetivos a construção da cidadania ativa, a formação de educadores, seja na forma presencial ou à distância, e de políticas públicas educacionais de qualidade.

Sendo assim, é possível definir a escola cidadã como a escola pública autônoma e democrática, na qual o acesso e permanência são de todos. Para tanto, para desenvolver esta autonomia, não deve ter intermediários políticos, mas sim desenvolver sua própria política e diretrizes.

A valorização das iniciativas pessoais dentro da escola deve estar sempre presente para que a escola não caia no erro do sistema, que é a rotina. Logo a escola deve fugir da padronização sob o pretexto da democratização de oportunidades.

Para Paulo Freire (1991), a escola que não possui autonomia não possui capacidade de educar para a real liberdade, afinal educar significa capacitar o educando para que ele seja capaz de buscar respostas e novas formas de ler o mundo que o cerca.

A escola autônoma é aquela que se autogoverna. Mas como se autogovernar quando as decisões muitas vezes vêm prontas apenas para serem executadas? É neste ponto que começamos a discutir a Autogestão, uma vez que esta na escola é uma tentativa de autonomia.

A educação com objetivos voltados para o acúmulo de conhecimento acabado e cada vez maior e mais condensados para o aluno absorver já se encontra num patamar insustentável de educação para o século XXI. Nessa perspectiva que a UNESCO, em 1996, desenvolveu um relatório referência que deve pautar a educação para o futuro, que diferentemente do ensino que prepara o aluno para o mercado, estimula o aluno por meio das competências e habilidades contidas em cada um dos quatro pilares, ferramentas para seu desenvolvimento pleno e integral.

Os quatro pilares são: “aprender a conhecer”, que prepara e transforma o aluno para o conhecimento, assim o fazendo verdadeiramente libertado da ignorância de um conhecimento pronto, acabado, tornando o ato de compreender, conhecer, construir e reconstruir, prazerosos e contínuos na educação, “aprender a fazer”, o qual se parece com a incerteza citada por Morin, que diz que o aluno não deve ter medo de errar buscando o acerto, além de buscar a formação voltada para enfrentar sempre novas situações e trabalhos em equipes desenvolvendo o espírito de equipe e solidariedade. “Aprender a conviver” com os outros é uma característica cada vez mais valorizada no mundo contemporâneo. Por isso este pilar tem importância, pois ajuda o aluno a resolver conflitos, compreender o outro, trabalhar com quem tem objetivos comuns e ter prazer nisso. “Aprender a ser” trata da aprendizagem integral do aluno, ou seja, o desenvolvimento do ético e estético, da responsabilidade deste como pessoa, aprimoramento do pensamento crítico, autônomo e criativo.

Estes parâmetros, dados separadamente, não podem ser trabalhados distintamente na dinâmica escolar, pois assim sendo, não traria a dinâmica da formação holística do aluno para seu desenvolvimento para a vida.

Edgar Morin traz essa perspectiva da complexidade contemporânea a fim de tratar de novos saberes necessários, que segundo ele mesmo, antecede qualquer compêndio do ensino, para a educação no milênio. Essa perspectiva traz sete saberes fundamentais que todas as culturas deveriam trabalhar e são eles: as cegueiras paradigmáticas, o conhecimento pertinente, o ensino da condição humana, o ensino das incertezas, a identidade terrena, o ensino da compreensão humana e a ética do gênero humano.

Esses saberes devem ser priorizados frente à hegemonia paradigmática dos conhecimentos, que são tratados nas escolas de forma individualizada e totalmente fragmentada, deixando de lado a visão abrangente da realidade. Outro aspecto que pouco é tratado na educação escolar e que abrange bastante os sete saberes é a consciência de unidade e diversidade humana. Essa proposta visa eliminar o caráter competitivo da educação, combatendo assim o egocentrismo, o sociocentrismo e diversas formas de preconceito, trazendo à centralidade educacional temas que dizem respeito a ética, solidariedade, compreensão do outro dentre outros aspectos.

Os sete saberes necessários segundo Morin dizem respeito às cegueiras do conhecimento, que é a concepção de conhecimento acabado. Para o autor, o conhecimento deve ser tratado como um ponto de vista de determinada subjetividade e que sempre deve estar aberto a uma nova interpretação ou até mesmo substituição utilizando-se sempre da racionalidade objetiva.

O pertencimento do conhecimento é outro saber necessário para o autor. É cada vez maior a necessidade deste pertencimento no mundo atual, pois, principalmente na educação, ajudará o aluno a compreender o conhecimento como algo que é aplicável à sua realidade e concomitantemente o fará compreender os conteúdos escolares de maneira pouco ou nada fragmentado.

Ditas as teorias citadas pode parecer fácil optar por um modelo de educação a ser seguida por uma escola, mas infelizmente não é fácil escolher um programa ou outro, pois a hegemonia dos programas e cronogramas amarram as mãos dos professores que, com a melhor das intenções tenta promover o aluno como sujeito cidadão para a vida, não para mercados ou Estados.

A educação no Distrito Federal, desde seu início, teve uma proposta inovadora de ensino, e teve como idealizador Anísio Teixeira, que juntamente com a inauguração da nova capital trouxe o projeto das Escolas Parque, estas que tem por objetivo, baseado nas ideias de Dewey, a concepção ampla de educação, diferente da educação tradicional, pois concebe a escola como comunidade integrada e que propõe a construção de reais experiências de vida. A proposta foi ousada, pois o conjunto de escolas deveria servir de exemplo para todo o sistema educacional do país.

As expectativas deste novo modelo era mostrar as novas exigências da sociedade com relação à educação, que cada vez mais exige a formação de um cidadão preparado ao mesmo tempo para as necessidades da vida e para o convívio social. A mudança vai desde a proposta de ensino até a estrutura física da escola que mistura a estrutura da escola tradicional, papel realizado pelas Escolas Classe, com a nova perspectiva de educação, que mistura iniciativas artísticas, físicas e recreativas além de diversos espaços de integração entre os participantes da escola, Escolas Parque.

Este desafio não era simples, pois de nada adiantaria ter toda essa estrutura e planejamento se não houvesse profissionais capacitados para operar e gerir este modelo educacional.

Assim sendo, a proposta do projeto Filosofia na Escola, que traz a inserção da Filosofia não como teorização ou ensino de pensamento de autores da área, mas como prática de reflexão sobre as atividades cotidianas e suas implicações, desenvolvida em 2011 em uma escola de Brasília é de trazer um pouco do ensino não tradicional, ou seja, o ensino que foge da prática tradicional onde o professor é o único detentor do saber e os alunos apenas meros ouvintes, e em diversos ambientes escolares, tendo como temática principal o atletismo para alunos do primeiro ano do ensino fundamental com o objetivo de ensinar além dos conteúdos programáticos, despertar nas crianças a curiosidade pelo que as rodeia e valores que os tornem cidadãos mais conscientes de si consigo mesmo e de si como membro da espécie humana além de atividades que contemplam além dos aspectos tradicionais da escola, abranger também o aspecto artístico e recreativo.

CAPITULO 2: CONHECENDO A EDUCACAO EM UMA ESCOLA PUBLICA DE BRASILIA

Este capítulo tratará das vivências pedagógicas realizadas em uma Escola Pública, escola que se localiza na Região Administrativa de Brasília, e apresentará a relação que estas tiveram com modelo de educação tradicional e com o modelo de educação para o futuro.

O cumprimento da disciplina “Projeto 4 – fase 2” foi optado por mim para ser cumprido em estágio supervisionado, em uma sala de 1º ano do ensino fundamental de uma Escola Pública da Região Administrativa de Brasília. O projeto consiste em levar uma proposta de modelo de educação integral baseado nas ideias de Paulo Freire e Edgar Morin por meio da modalidade atletismo às crianças do primeiro ano do ensino fundamental, com crianças de seis e sete anos, sendo que a principal atividade será a “corrida”. Educação integral neste contexto não se configura como educação de tempo integral, a qual as crianças ficam na escola no tempo em que os pais trabalham, mas aquela que proporciona ao aluno, no horário que seja, educação voltada para a formação do cidadão completo, apto a agir e reagir em qualquer situação, ter postura crítica, ter visão das partes e também do todo.

A proposta que já existe na escola é de educação tradicional, pois as crianças são alfabetizadas na maior parte do tempo dentro das salas de aula em posições sempre pre-determinadas pelo professor, este que, no caso, é o detentor do saber e que o espaço para a crítica ou fantasias dos alunos é um espaço pouco privilegiado.

A educação tradicional tem por razão de ser a generalização do aluno, sendo que a principal preocupação transparece um estado burocratizado (excesso de preocupação com normas) e atrasado, muito preocupado com os meios (conteúdos) e sem preocupação com os fins (aprendizagem real e resultados práticos da aprendizagem).

A preocupação maior com o conhecimento das artes e da literatura é conhecer o que é belo e grandioso segundo um restrito grupo crítico. Não são valorizadas as práticas cênicas, plásticas nem teatrais do universo cultural local.

Foi observado que a preparação das crianças é focada no presente com perspectivas profissionais no futuro. A preocupação é de tornar a criança em um adulto preparado para o capitalismo, sem o “direito” de ser criança em seu tempo real. A aprendizagem se dá de maneira simplificada, preparada e organizada de tal maneira que a aprendizagem do aluno é algo como uma “lata de sardinha” processada, os conhecimentos e a ordem de assimilação destes vêm pré-ordenada. Os valores desenvolvidos são controversos ao que o mundo precisa hoje e no futuro, como por exemplo, a competitividade entre os alunos, que deveria ser ocupada pela solidariedade.

O método de pesquisa utilizado foi pesquisa participativa, como o próprio nome sugere, implica necessariamente a participação, tanto do pesquisador no contexto, grupo ou cultura que está a estudar, quanto dos sujeitos que estão envolvidos no processo da pesquisa. A expressão pesquisa participante é tida por muitos autores, conforme pontua Brandão, que é o tipo de método o qual o pesquisador se insere no cotidiano do que está proposto a ser pesquisado e tem por finalidade, neste caso no âmbito escolar, estimular os alunos por meio da superação entre a teoria e a prática por meio de brincadeiras e jogos a se interessarem mais pelo ensino, desenvolver a capacidade de concentração, percepção e convívio com o outro, aprender conhecimentos diferentes dos propostos pelos livros didáticos, como a ética e a filosofia, além de desenvolver fisicamente, já que é algo que ocorre intensamente nessa fase do desenvolvimento humano.

Com as atividades propostas foi esperado que as crianças interiorizassem o conhecimento mínimo da história do atletismo, sua importância, o desenvolvimento psicomotor das crianças assim como a sociabilidade entre elas, onde as mais inibidas passem a perder esta característica e os mais agitados aprendam a escutar e a se concentrar mais.

A coleta dos dados obtidos se deu na observação das reações das crianças antes, quando explicava sobre as teorias e as atividades a serem executadas, durante, se estavam aplicando o que foi dito e posteriormente, já em sala de aula, no momento de reflexão, onde foi aferido se houve ou não a compreensão dos conteúdos diversos. Já a transcrição dos dados obtidos foi feita após o término de cada vivência, de maneira a preencher espaços previamente estabelecidos, como a atividade, o objetivo e o resultado.

No começo tudo era novo, apesar de experiências anteriores com crianças de mesma idade (mas em aulas de judô para crianças). Nas aulas que já havia dado para as crianças o controle da disciplina era feita por meio da aplicação de golpes existentes na prática do judô, nada de abusivo, mas com mais velocidade do que a que as crianças estavam acostumadas a utilizar umas contra as outras. Pode parecer uma técnica de controle de disciplina bem primitiva ou autoritária, até concordo, mas desde que se puna sem justificar o porquê para o aluno. Com o passar das aulas a frequência de comportamento inadequado diminuía, mas quando se repetia os próprios alunos se cobravam pela medida disciplinar para mim. Era outro caminho que encontraram para aprender, penso eu, em meio às medidas reguladoras.

Na escola não tinha tal liberdade, pois não estava num tatame nem era o professor titular da turma, então fui ao passo a passo para lidar as crianças e aprender do que gostavam para que o trabalho fluísse melhor.

Voltando para a escola, o tema proposto para o trabalho com as crianças foi o Atletismo como prática escolar para o desenvolvimento social, moral e motor das crianças, mas não tinha ideia de como organizá-las, de quão era apurado o senso de resposta delas nem a aceitação pelo esporte. A estratégia usada, como as crianças eram, e ainda são muito novas (existem poucos trabalhos sobre a prática de atletismo dentro das escolas com crianças desta idade), foi de introduzir aos poucos os fundamentos do atletismo por meio de jogos pré-desportivos, que são jogos que, mesmo sem a criança perceber, utiliza as técnicas do esporte tornando-as aptas a executar o atletismo com mais facilidade.

Pensei em trocar por uma turma de alunos mais velhos, onde a compreensão pelos comandos fosse melhor e os resultados poderiam sair de maneira mais parecida com a qual eu estava esperando, mas em conversa com o professor orientador, ele disse que não importa a turma, as dificuldades sempre estarão presentes e me incentivou a continuar com a mesma turma de 1º ano.

As atividades desenvolvidas com as crianças foram totalmente integradas com o ensino da professora titular da turma. Como aparecia somente às quintas-feiras para dar aulas, por e-mail a professora me enviava o conteúdo da semana para que eu pudesse planejar atividades práticas com base no que ela havia ensinado.

O conteúdo teórico da aula, como instruções para brincadeiras, retomada dos conteúdos da semana e as reflexões sobre as atividades desenvolvidas foram todos feitos dentro de sala de aula, e as brincadeiras e jogos foram feitos fora de sala de aula, na própria quadra poliesportiva da escola.

A partir de observações prévias, estas feitas em aulas as quais somente observei o comportamento da turma, constatei que as seguintes características estavam presentes em sala de aula, tais elas: a preparação das crianças é focada no presente com perspectivas profissionais no futuro; a preocupação é de tornar a criança em um adulto preparado para o capitalismo, sem o “direito” de ser criança em seu tempo real; a aprendizagem se dá de maneira simplificada, preparada e organizada de tal maneira que a aprendizagem do aluno é algo como uma “lata de sardinha” processada, os conhecimentos e a ordem de assimilação destes vêm pré-ordenada; os valores desenvolvidos são controversos ao que o mundo precisa hoje e no futuro, como por exemplo, a competitividade entre os alunos, que deveria ser ocupada pela solidariedade.

Visto as características acima descritas, as atividades preparadas para aplicação em sala de aula tiveram intenso esforço para que não “caísse” no modelo tradicional de educação tendo como principal ênfase na proposta de desenvolvimento da “escola cidadã” (Paulo Freire) onde a preocupação não é responder às demandas opressoras e excludentes do mercado de trabalho, mas sim trabalhar com os princípios holonômicos, estes que indicam a restauração a totalidade do sujeito, valorizando a sua iniciativa e a sua criatividade, valorizando o micro, a complementaridade, a convergência e a complexidade e na negação do positivismo, sendo que o desenvolvimento coletivo é tão importante quanto o desenvolvimento individual e os alunos são sempre estimulados e desafiados a aprender a aprender.

As vivências se deram em diversos espaços além da sala de aula, como a quadra poliesportiva, o patio da escola e a área com outros brinquedos coletivos. Os espaços eram grandes e logo se percebia que algo diferente poderia ser desenvolvidos nestes locais, já que eram apenas utilizados enquanto as crianças esperavam para o início das aulas, enquanto esperavam os pais para busca-los ou na hora do intervalo.

No primeiro encontro em sala de aula, que se deu no dia 29 de setembro, logo a disposição das fileiras de carteiras foi quebrada fazendo com que as crianças sentassem no

chão em círculo. Me apresentei para elas não tendo a preocupação de fazê-las se apresentar como é de costume quando começa um ano letivo ou quando um professor novo assume a turma, que é mais ou menos cada um dizer o nome e o que gosta.

Num segundo momento foi perguntado a elas o que sabiam sobre corrida, sendo que antes que cada um falasse, dissesse o nome. As crianças disseram vários tipos de corrida (de carro, moto, de animais, etc.), o único tipo de corrida que não apareceu foi o que era a proposição para elas, a corrida a pé. Percebi que foi uma boa tática para que o tema gerador “corrida” fosse introduzido sem que as crianças não dissessem o que pensavam sobre ou o que conheciam, valorizando desta maneira a subjetividade deles.

A primeira atividade desenvolvida com as crianças foi o conto folclórico do Saci-Pererê. Essa atividade foi bem metódica, pois somente eu falei, mas o conto não deixou de empolgar as crianças fazendo com que elas quisessem brincar de saci ou complementar à história, o que demonstrou a valorização da subjetividade.

Toda a energia das crianças quebrou o mistério da segunda atividade, que foi promover uma corrida num pé só. A partir da história contada (Saci) foi desenvolvida a atividade de correr num pé só na quadra poliesportiva da escola. Foi utilizada apenas meia quadra, portanto entre 20 e 25 metros.

As crianças foram divididas em dois grandes grupos de 11 integrantes de ambos os sexos sendo que a repartição dos grupos fosse feita à vontade. Foi identificado que eles se agruparam por afinidade, não por equilíbrio entre os gêneros.

Os dois grupos de alunos formaram filas, a princípio bastante desorganizada, mas com ajuda da professora, as filas foram postas com o mínimo de ordem.

Depois de organizadas as filas, demos início à corrida, que consistiu em, um em um ir até o meio da quadra pulando no pé direito e voltar no pé esquerdo. Assim que um chegasse outro saía repetindo a série. O primeiro time que tivesse todos os componentes com a tarefa realizada era o grupo campeão.

Quando as crianças se deparavam, no meio da prova, emparelhadas com outra criança, logo perdiam a concentração e começavam a correr para chegar à frente.

Algumas crianças ainda apresentaram-se inibidas para participar das brincadeiras alegando que não conseguiam, não queriam ou não gostavam da brincadeira. Foi dito às crianças que pudessem apenas assistir aos demais brincando neste dia.

O resultado desta atividade foi bem além da atividade física porque por traz da brincadeira as crianças tiveram que desenvolver a coordenação motora, equilíbrio, agilidade, além de ter que se coordenarem entre si e cooperarem para que cada grupo tivesse melhor desempenho.

Outra atividade planejada para o grupo foi “andar rápido”. Com a atividade foi esperada a integração do grupo, noções de distância, coordenação motora, equilíbrio, agilidade e trabalhar os conceitos de coordenação, cooperação e organização.

Essa atividade implicou na divisão de dois grupos de alunos, assim como na atividade anterior, só que agora as crianças tiveram que andar rapidamente até o meio da quadra e voltar sendo que era proibido correr. O time que primeiro completasse a atividade ganhava a corrida.

As crianças desempenharam com êxito a atividade, mas ainda quando se encontravam emparelhadas com outra tentavam correr para chegar à frente. As filas, com a orientação da atividade anterior, ficaram mais organizadas e o espírito de equipe representado na torcida das filas por quem realizava a caminhada se mostrou ainda mais animado.

As crianças que se apresentaram inibidas aos poucos foram se aproximando dos grupos que participavam da brincadeira querendo se juntar a elas ao perceber que não havia nada de estranho ao cotidiano de brincadeiras.

O momento de reflexão das atividades desenvolvidas foi o último momento da aula, o qual as crianças relembrou as atividades realizadas, desenvolveram os conceitos apresentados que foram: coordenação: agir de maneira harmoniosa; cooperação: ajudar e orientar os que têm dificuldade; organização: “pôr em ordem” (esta foi a expressão usada com as crianças, e o exemplo que deixou o conceito mais claro foi quando elas tem que organizar a bagunça que fazem no quarto delas).

As crianças responderam bem às expectativas propostas no começo da atividade. Logo que entramos na sala de aula todos se sentaram e queriam falar um pouco da experiência que

tiveram e mudaram a ideia que tinham de corrida, que estava associada à tecnologia e as informações da mídia.

Os que apresentaram comportamento mais inibido assim permaneceram na hora de falar sobre a atividade, e os mais agitados, de maneira ordeira souberam se expressar sem que atrapalhasse os demais.

Nesta primeira aula, penso que consegui realizar com êxito o modelo de educação proposto para o melhor desenvolvimento dos alunos fugindo do esquema da educação tradicional ao valorizar a cultura brasileira, adequar o atletismo à realidade das crianças fazendo com que elas realizassem essas atividades pré-desportivas sem que percebessem que estavam dando o primeiro passo em direção à corrida.

A segunda vivencia pedagógica aconteceu no dia 20 de outubro.

A primeira atividade desenvolvida com as crianças foi o começo do atletismo. A atividade trouxe um pouco da história do atletismo para as crianças, como o que é o atletismo, como surgiu, os símbolos e as paraolimpíadas. O objetivo foi mostrar a importância e a abrangência do esporte. Durante a atividade expliquei para as crianças que o atletismo consistia em correr saltar e lançar, e que surgiu na Grécia e consistia apenas na atividade de disputas de força e resistência entre gregos e romanos em esportes que eram representados em atividades de guerra. A história continuou com um salto para 1834, quando ocorreu a primeira olimpíada, e que os símbolos olímpicos são a tocha olímpica e a bandeira.

Esse primeiro momento foi bem mecânico ao passo que somente eu falei e as crianças escutaram, porém bem atentamente, pois sabiam que após essa primeira atividade viriam as brincadeiras.

A corrida com água foi a segunda atividade do dia, e tinha por principais objetivos a integração do grupo, noções de quantidade e volume, coordenação motora, equilíbrio, agilidade. Todas as atividades, previamente planejadas com a professora regente, tinha alguma coisa a ver com o que estava sendo ensinado na semana em dias normais de aula. Nesse caso, o que enfatizei foi a noção de quantidade e volume, onde as crianças, conjugada com a atividade de atletismo estariam aprendendo sobre a matéria.

A atividade foi o seguinte: as crianças dividiram-se em dois grupos, sendo que um era só de meninos e outro somente de meninas. O material usado para a realização deste jogo foram quatro garrafas pet de dois litros e dois copos descartáveis. A divisão do grupo entre meninos e meninas foi proposital, pois na primeira experiência pedagógica (29/09), as crianças dividiram-se por afinidade, e já nesta todos, tendo este vínculo ou não teriam que aprender a conviver e a cooperar para que a atividade fosse melhor desenvolvida.

Duas garrafas foram cheias com água, uma para cada equipe. Uma pessoa de cada grupo ficou responsável por ela e numa distância de quinze metros afastado de sua fila original. Outro da equipe, este na posição “um” na fila original ficou responsável pela garrafa vazia. Os demais integrantes de cada fila tiveram que, com o copo vazio e de um em um, correr até o colega correspondente, encher o copo de água e depositar na garrafa que estava vazia. O primeiro grupo que esvaziasse a garrafa cheia determinava o tempo gasto na prova, mas quem ganha é quem depositou maior quantidade de água na garrafa vazia.

Os resultados desta vez foram que as filas estiveram muito melhor organizadas e coordenadas, e a integração da torcida foi bem maior com as equipes, sendo de apenas um sexo. Os meninos demonstraram maior habilidade em correr com o copo cheio d’água na mão e mais precisão em depositar o líquido na garrafa, preocupação pouco demonstrada pelas meninas, que só se preocuparam em derramar a água na garrafa mais rapidamente.

Nesta atividade apenas uma criança demonstrou receio em participar da brincadeira, mas como não foi necessária a equiparação de alunos por fila, a aluna foi dispensada da brincadeira.

A outra atividade foi a corrida com ovos, e os objetivos da brincadeira foram a integração do grupo, noções de peso, coordenação motora, equilíbrio, agilidade.

Com a mesma disposição de filas, as mesmas foram subdivididas em outras duas filas, sendo que a fila correspondente ficou de frente à outra numa distância aproximada de quinze metros. Cada primeiro de cada fila recebeu um ovo cozido, para que, caso saísse não quebrasse e uma colher. O aluno teve que segurar a colher com uma das mãos e, com a outra, colocar o ovo. Já com o ovo na colher e desta vez sem auxílio das mãos, os alunos tiveram

que andar até a fila correspondente e passar o ovo para o outro, e assim por diante até que todos tenham carregado o ovo na colher.

Novamente os meninos demonstraram maior coordenação e agilidade ao transportar o ovo. As torcidas mostraram-se muito mais animadas do que nas atividades anteriores e todos quiseram repetir a brincadeira.

Os alunos que resistiram em participar logo cederam ao verem a diversão do grupo e logo se integraram, mas muitos repetiam que não dariam conta de transportar o ovo. Todos conseguiram, e mesmo deixando os ovos caírem algumas vezes, não tiveram maiores dificuldades.

Corre-cotia foi a última atividade física realizada no dia. O objetivo desta atividade foi desenvolver atenção das crianças, coordenação motora, equilíbrio, memória e interação dentre elas. Nessa brincadeira as crianças sentaram na disposição de círculo. Uma delas foi designada para carregar um objeto nas mãos. Cada rodada as crianças cantaram a música característica da brincadeira (Corre cotia, de noite e de dia, corre cipó, na casa da avó, moça bonita do meu coração, beija a minha mão), sendo que o aluno que estava com o objeto tinha que depositá-lo atrás de alguém que estava sentado. Ao final da música, os alunos que estavam com os olhos fechados tinham que abri-los e procurar o objeto atrás de si. O aluno que estava com o objeto atrás tinha que se levantar e correr atrás de quem o depositou e em volta do círculo formado pelas crianças. A criança que depositou o objeto tem que sentar no lugar disponibilizado pela outra criança sem que esta a tocasse, e, caso acontecesse, a criança sairia da brincadeira. O processo da brincadeira se repetiu até que todas as crianças corressem atrás da qual deixou o objeto.

Essa brincadeira foi a atividade que as crianças mais gostaram, penso eu que foi porque é uma atividade que elas acabaram por demonstrar mais conhecimento que eu. As crianças, sem divisão de times heterogêneos ou divididos por sexo, ou seja, brincando juntas demonstraram maior alegria, interatividade e ansiedade ao ser a “cotia” da vez. Outra atitude que as crianças não apresentaram ao brincar juntas foi a vergonha ou o medo de errar nas atividades, além de, quando as crianças erravam, as outras a corrigiam e incentivavam a que errava a continuar.

Quando as crianças retornaram à sala de aula e acalmaram os ânimos dos jogos, refletimos e discutimos sobre as atividades realizadas sendo perguntada para elas a ideia que tinham sobre corrida. As ideias que as crianças tinham agora eram outras: mencionaram a corrida que realizaram nas atividades e também sobre os jogos pan-americanos.

Foi perguntado para as crianças o que lembravam sobre os conceitos trabalhados na primeira aula. Lembraram-se dos conceitos cooperação (ajudar o colega) e organização (arrumar o que está bagunçado).

Outro conceito que foi posto em discussão com as crianças foi o termo “superação”. Elas ficaram caladas no tempo que foi dado para elas responderem o que pensavam ou achavam o que significa.

Falado para elas que superação significa fazer algo que não consegue, ultrapassar obstáculos ou vencer dificuldades, as crianças logo se familiarizaram com o conceito falando exemplos de obstáculos que tinham ultrapassado alegando terem superado alguma dificuldade.

A terceira vivência pedagógica aconteceu no dia 3 de novembro. As crianças a esta altura das experiências já aguardavam ansiosas por minha chegada e não paravam de comentar durante a semana com os colegas de outras turmas sobre as experiências que tiveram.

A primeira atividade deste dia foi a continuação da história do atletismo. Esta segunda parte sobre a história do atletismo focou na modalidade “arremesso de martelo”, uma modalidade que surgiu 2000 a.c., criada pelo povo Celta, que habitavam o norte europeu. O objetivo desta atividade além de inserir mais as crianças no assunto e já introduzir na atividade futuram, que foi a confecção do martelo de atletismo, foi mostrar mais detalhadamente como o atletismo se desenvolveu ao longo da história.

Utilizando de um mapa mundi, material que estava disponível na sala de aula, expliquei para as crianças a disposição dos continentes na terra, sendo focada a localização da Europa para situarem melhor onde nasceu o arremesso de martelo. A ideia de explicar sobre os continente foi aproveitada para explicar sobre os demais continentes e também sobre a

bandeira olímpica (a qual cada aro corresponde a um continente), já que o atletismo é uma modalidade pertencente a este grupo.

Foi descrito para as crianças que o material que é usado nesta modalidade é uma bola de bronze que pesa aproximadamente 7,5kg, um arame e alça que medem cerca de 1m. Com essa descrição, pegamos uma fita métrica que havia trazido e pedi para que os alunos achassem algo que medisse um metro dentro da sala. Acabaram por achar uma parte da janela. Também trouxe alguns pesos com o peso já citado para que elas pudessem ter noção do peso real do aparelho da modalidade.

Pique-bandeira foi a segunda atividade. Esta pareceu bem complexa para elas, pois nessa idade poucos alunos demonstraram desenvolvimento pleno de estratégia para pegar a bandeira e preocupação na divisão dos times. Com o desenvolvimento da brincadeira, foi esperado que as crianças utilizassem de agilidade, coordenação motora, integração e coordenação de atividade em grupo.

As crianças já saíram de sala de aula para a quadra de esportes com a atividade explicada. Essa brincadeira fez com que a classe fosse dividida em dois times aleatórios sendo que os dois eram compostos tanto por meninos quanto por meninas. Cada time era responsável por metade da quadra, chamada de campo. Os dois times tinham um objeto que estava dentro do gol, chamado de estandarte ou bandeira. Cada time teve que proteger sua bandeira não deixando que o outro time invadisse seu campo, resgatasse a bandeira e voltasse para o campo de origem. O primeiro que assim completasse esta tarefa era o time campeão.

Para a idade das crianças, concluí que a falta de atenção aos comandos é notável, sendo que na hora da explicação destes elas sabiam interpretar e reproduzir os conceitos, mas na hora da prática, mesmo não demonstrando estar nervosos ou aflitos, não sabiam executá-los ou perdiam com grande facilidade a concentração. Acabou que na hora da brincadeira os alunos que corriam mais pegavam a bandeira e completavam o objetivo.

Uma segunda tentativa foi proposta, só que desta vez foi instruído para as crianças que montassem estratégias de ataque ao campo adversário e defesa de sua bandeira (os conceitos de organização e cooperação foram fortemente lembrados nesta hora). Na hora em que a brincadeira recomeçou as crianças novamente perderam completamente a concentração,

jogavam cada uma por si e quem corria mais acabou por novamente se destacar na captura da bandeira.

Outra a atividade foi a brincadeira pega-pintinho. Os objetivos foram a integração do grupo, coordenação motora, cooperação, equilíbrio, agilidade. A brincadeira é um tipo de pique-pega. Alguma criança é escolhida para ser o “gavião”, que tem que pegar as outras crianças, os “pintinhos”. Uma das áreas da quadra poliesportiva é um dos piques as quais as crianças podem descansar. Ao sinal de “já”, gritado pelo coordenador da atividade, as crianças tem que correr de uma área à outra sem que a criança gavião possa pegá-las. Quem for pego terá que ajudar quem o pegou. Quem restar ganha a brincadeira.

Foi uma das brincadeiras que as crianças mais gostaram, pois todas queriam, ao final das contas, correr. As crianças demonstraram disposição para correr e escapar do gavião, mas quando eram pegas, seu entusiasmo caía drasticamente.

Novamente as crianças que jogavam no time dos gaviões demonstraram falta de coordenação, integração e de atenção ao tentar pegar os que ainda corriam de uma área para outra.

A última atividade do dia foi a brincadeira “cabra-cega”. Os objetivos eram o desenvolvimento do equilíbrio, coordenação motora, agilidade, atenção aos sons e sua proximidade e integração do grupo. O jogo começa assim: uma criança é escolhida para ser a cabra. Esta tem os olhos vendados e, assim tem que tentar pegar as demais crianças se guiando pelo som.

O resultado foi que as crianças também gostaram desta brincadeira, mas demonstraram falta de atenção ao correr para perto da criança com os olhos vendados, esta que acabava por pegá-las. Assim foi em todas as outras vezes em que sorteávamos outras crianças para ser a cabra-cega.

Após a realização destas três atividades voltamos com as crianças para a sala de aula para conversar e refletir sobre as atividades.

Logo que se assentaram e acalmaram os ânimos, perguntei a elas o que haviam aprendido sobre organização, coordenação e cooperação, já que em todas as atividades as

crianças agiam por si só, sem se comunicar umas com as outras, seja para ensinar ou para pedir ajuda. Os conceitos eram claros para as crianças, mas a prática destes que realmente se mostraram o verdadeiro desafio.

Um novo conceito foi apresentado para as crianças: criatividade. Logo que perguntado a elas o que significava, não souberam responder. Falei para elas que é a capacidade de criar ou transformar objetos ou situações e que usaríamos este conceito na prática na aula posterior.

Pedi para que as crianças trouxessem na aula seguinte os seguintes materiais: um pedaço de cano “pvc” de aproximadamente 10cm, barbante e um par de “meiões” para que fosse confeccionado o martelo de atletismo na próxima aula.

A última vivência pedagógica aconteceu no dia 10 de novembro e nesta aula, como mencionado na reflexão da aula passada, foi pedido para que os alunos trouxessem “meiões”, um pedaço de barbante e cano para esta aula. Estes materiais foram serão necessários para confecção do martelo de atletismo, que será a atividade desenvolvida aqui. Portanto as atividades desenvolvidas serão a confecção do martelo de atletismo e o esporte em si. Também foi reforçada com os alunos a história deste jogo.

Como primeira atividade foi retomada a história do martelo com as crianças para que, a partir da fundamentação da importância deste esporte na história do povo celta (esporte, defesa e caça), houvesse maior motivação em construir o artefato para a atividade e o objetivo foi desenvolver a criatividade e coordenação motora apurada, interação entre o grupo, localizar a Europa no mapa, noções de medida de comprimento.

A atividade começou com a falta de recursos que era para ser trazido por cada aluno. O material solicitado na aula anterior não foi trazido por cerca de 30% da turma, e para solucionar este problema, quem não havia trago o material iria ajudar os demais colegas que trouxeram com eventuais dificuldades na elaboração do martelo, o que acabou sendo bom, pois promoveu maior integração entre os alunos e a cooperação prevaleceu. Com o material em mãos, as crianças tiveram que executar o primeiro passo: pegar o par de meias e enrolá-los em forma de bola; separar um pedaço de barbante equivalente a 1,2 metros e deixar separado o pedaço de cano.

No segundo passo as crianças tiveram que amarrar a bola de meia numa ponta do barbante e na outra o pedaço de cano. Esse material pronto simbolizou o martelo de atletismo.

O resultado foi que as crianças se deram bem em confeccionar o material, mas todas queriam ter o seu. Como nem todas trouxeram, as que não haviam trago de vez em quando tomava de quem tinha ou pegava emprestado e não devolvia se não lembrado. Também notei que as crianças, nem todas, porém mais da metade têm dificuldade em fazer nós simples.

Enfim com o martelo de atletismo pronto estávamos prontos para começar a inserir esportes na rotina escolar das crianças, estimular o gosto pela prática esportiva, especialmente o atletismo, desenvolver atributos físicos, sociabilidade e solidariedade entre o grupo.

A partir do material feito pelas próprias crianças e com instruções sobre as regras básicas do jogo, as crianças começaram, uma a uma a lançar seus martelos de meia pela quadra poliesportiva a ver quem lançava mais longe. Nem todas as crianças conseguiram lançar a bola como realmente deveria acontecer, porém todas demonstraram entusiasmo e perseverança ao tentar novamente arremessar o martelo a fim de tentar superar a marca conseguida pelo melhor lançador da turma. Demonstraram-se prestativas também ao emprestar o martelo para quem não havia trago o material e ao tentar corrigir falhas dos colegas próximos no arremesso do objeto.

Quando retornamos à sala de aula, perguntei logo para as crianças o que tinham aprendido naquela aula. Prontamente responderam sobre a história do arremesso de martelo, falaram dos jogos olímpicos e queriam sair novamente para lançar o objeto feito por eles e lhes dado tantos orgulho quando viam o objeto voando pela quadra.

Apesar do trabalho com crianças desta idade não ser foco principal na minha formação como pedagogo, não falo que foi perda de tempo com as crianças em desenvolvimento com as atividades, pois percebi na prática o desenvolvimento real das crianças, mesmo a um prazo muito curto, do sentimento de respeito ao próximo, das noções de ética, organização, cooperativismo e solidariedade, mas também não falo que foi o ideal que imaginei que seria, pois percebi que o planejamento de um curso com as crianças e um replanejamento emergencial é tarefa para poucos, caso dos professores, e que eu, por mais que esteja a concluir o curso, estou apenas começando nessa área.

Percebi também que não dá para desenvolver uma atividade com o grupo sem consultar o conselho de professores ou até mesmo o professor regente da turma, pois são eles quem sabe o passo-a-passo da turma, em que ritmo de desenvolvimento está e que conteúdos que já foram ou não ensinados. Ainda pude notar que, por menor que fosse o meu tempo com as crianças, a transformação no cotidiano escolar se tornava cada vez mais presente, o qual foi cada vez mais cobrado pelas crianças atividades relacionadas com as quais desenvolvi. São os professores e seu colegiado que também sabem como está caminhando a política educacional da escola e o que pode ser feito, juntamente com a comunidade escolar, para a melhoria do rendimento das atividades e influência positiva do meio externo para as crianças.

O estágio, apesar de não ter me correspondido em expectativas, serviu de reflexão não somente para a prática do exercício em si, mas também me abriu os olhos para questões políticas, estas no sentido da falta de estrutura e planejamento do Estado em fornecer alicerces para os professores trabalharem com seus alunos, e que muitas vezes, carências que são obrigação do Estado suprir, o professor encobre com recursos próprios, que dá pra viver, mas não com o conforto que merecem pelo duro trabalho que exercem.

A prática em sala de aula, por mais curta que tenha sido, também me ensinou que uma criança com “carinha de anjinho” pode ser o pior dos “demônios” quando se trata de desorganizar a sala em posição de liderança negativa. Talvez liderança negativa seja muito forte para a ocasião, então liderança positiva em momento inadequado, pois na idade em que as crianças com quem me encontrei precisam menos de espaços entre quatro paredes, mais espaços ao ar livre e gastar energia.

TERCEIRA PARTE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se encerrou tão rapidamente pela falta de tempo que tive em virtude de estar trabalhando paralelamente à graduação, mas tudo o que foi desenvolvido, nas oportunidades em que muito bem aproveitei, por mais que não tenha havido maiores aprofundamentos práticos, serviu para sanar um paradigma que muito me incomodou na graduação, que foi aliar a teoria que aprendia em sala de aula e que duvidava que coubesse nas escolas.

A breve conclusão das vivências também se deu pelo encerramento dos calendários letivos, tanto da Escola Classe quanto da Universidade de Brasília, e, por mais curto que tenha sido, foi intenso, e gostaria de registrar não só a felicidade das crianças ao me verem entrando pelo portão da escola, mas também a minha felicidade ao vê-la pedindo para que voltasse mais vezes.

O objetivo principal do trabalho foi alcançado, pois por meio da observação participativa com a prática do atletismo nas vivências as crianças tiveram a oportunidade de demonstrar o conteúdo aprendido em sala e fora dela aplicando os conhecimentos nas atividades. A prática da Filosofia na escola também pode ser constatada como alcançada porque por meio dos diálogos as crianças refletiram sobre os conceitos mostrados e aplicaram ao contexto.

O trabalho está longe de uma conclusão definitiva, visto que o projeto pode ser aplicado em qualquer fase de aprendizagem das pessoas tendo na essência o mesmo objetivo, que é a mudança de paradigma para uma educação cidadã, que forme uma sociedade que realmente seja uma sociedade, onde todos se preocupam com todos tendo como consciência de identidade planetária algo desenvolvido desde os primórdios da educação infantil.

Este trabalho final de curso me despertou maior interesse no foco da Pedagogia em ambientes educacionais diversos da sala de aula, portanto, por meio de leituras complementares e outros estudos pretendo seguir desenvolvendo o trabalho de pedagogia em espaços não escolares. Espaços que, por mais que não incluam a sala de aula ou o ambiente escolar, serão sempre ambientes de aprendizagem que exigem cada vez mais formação e “conhecimento

cidadão”, vivências com o olhar próprio, mas também sabendo apreciar o ponto de vista dos demais. Tal trabalho penso em desenvolver dentro do serviço público, onde cada vez mais percebo que a pessoa que ocupa cargo ou emprego nessa área preocupa-se cada vez menos com o bem-estar do próximo, inclusive do público a quem está destinado a atender, querendo apenas saber de sua situação individual perante os próximos pouco importando a superação da burocracia, a efetividade do trabalho, a formação pessoal como cidadão e, principalmente, maior atenção ao desenvolvimento do tratamento entre servidores e a sociedade.

BIBLIOGRAFIA

FILHO, Enélio Naider. A reforma do Estado e da educação a década de 1990: a refuncionalização da escola via implementação da eficiência mercadológica. *Dialogia*, São Paulo V.7, n. 1, p. 113-120, 2008. Disponível em:

<http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/dialogia/dialogia_v7n1/dialogia_v7n1_4i05.pdf>

Acesso em: 03/05/2012.

CARDOZO, Mariana Montagnini. Educação e Formação no Sistema Capitalista. UEL – Universidade de Londrina. Disponível em: <[http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-](http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/mariana_montagnini_cardozo_educacao_e_formao_no_sistema_capitalista.pdf)

[2010/mariana_montagnini_cardozo_educacao_e_formao_no_sistema_capitalista.pdf](http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/mariana_montagnini_cardozo_educacao_e_formao_no_sistema_capitalista.pdf)>. Acesso em: 03/05/2012.

GERALDO, Alan. O determinismo Durkheimiano na formação de professores e alunos.

Disponível em: <<http://sersaberblog.blogspot.com.br/2010/10/artigo-cientifico-o-determinismo.html>>. Acesso: 09/04/2012.

WREGGE, Rachel Silveira A educação escolar jesuítica no Brasil-Colônia : uma leitura da obra de Serafim Leite "Historia da companhia de Jesus no Brasil". Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000065431&fd=y>> Acesso em 10/05/12.

História da Educação no Brasil, período jesuítico. Disponível em:

<<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb02.htm>> Acesso em: 11/05/12.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro. Editora Cortez, 2011.

NOLASCO, Patrícia Carmelo. A educação jesuítica no Brasil colonial e a Pedagogia Anchieta: Catequese e Dominação. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000439857>>. Acesso em 08/04/12.

LEITE, Miriam Soares. DISPERSÃO NA SALA DE AULA – “ESSE BARULHO É DE DENTRO OU VEM DE FORA?”. PUC-Rio. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT04-4249--Int.pdf>>. Acesso em: 10/03/12.

PEREIRA, Lilian Alves. A Origem da Escola Pública Brasileira: A Formação do Novo Homem. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT3%20PDF/ORIGEM%20DA%20ESCOLA%20P%20DABLICA%20BRASILEIRA.pdf>. Acesso em: 26/04/12.

BRANDÃO, C. R. A participação da pesquisa no trabalho popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Repensando a pesquisa participante. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987a. p. 221-252.

O lançamento de martelo. Disponível em: <<http://adect2.no.sapo.pt/artigos/pdf/martelo.pdf>> Acesso em 12/12/2011 às 10:00h.

Lançamento de martelo. Disponível em: <<http://www.atletx.com.br/noticia/lancamento-de-martelo-56>> Acesso em 13/12/2011 às 10:00h.

História do atletismo. Disponível em: <<http://www.esec-tomascabreira.rcts.pt/alunos/20012002/nuno/Trabalho%20Escolar.htm#CorridadeEstafetas>> Acesso em 04/09/2011 às 10:00h.

A origem e a história do atletismo. Disponível em: <<http://www.canalolimpico.com.br/artigos/a-origem-e-a-historia-do-atletismo/#a13>> Acesso em 06/09/2011 às 10:00h.

RODRIGUES, Rubi Germano. Filosofia: a arte de pensar. Ed. Madras, 2011.